

Brasil "na fase do hospital"

por Celso Pinto
de Londres

Os bancos privados credores poderão chegar aos termos básicos para um acordo com o Brasil "em dois ou três meses", previu, na sexta-feira, Anthony Davies, gerente-geral da área de dívida do Lloyds Bank. O Lloyds é o maior credor britânico do Brasil, com assento no comitê negociador dos bancos.

O presidente do Lloyds, Sir Jeremy Morse, contudo, teve uma abordagem cautelosa em relação ao Brasil, numa entrevista à imprensa para o anúncio dos resultados do banco em 1991. "O Brasil precisará ainda de um longo tempo para recuperar seu crédito (no mercado internacional)", observou.

(O Brasil inicia nesta segunda-feira as negociações da dívida de US\$ 13,5 bilhões junto ao Clube de Paris. Conta com o apoio do presidente do banco Interamericano de Desenvolvimento — BID —, Enrique Iglesias — ver página 17.)

Morse admite que o cenário para a América Latina "é muito melhor" do que há dois anos e diz que alguns países, como o México e o Chile, já recuperaram inteiramente seu crédito. Hoje existem poucos países latino-americanos "na fase

do hospital", na imagem de Morse, e o Brasil é um deles.

"É um fenômeno interessante ver a América Latina brilhando quando o mundo está em situação pior", diz ele. As indicações são boas, "mas é bom ser cauteloso", sugeriu.

Tanto Morse quanto Davies participaram do almoço oferecido ao ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, em Londres, há três semanas. Davies se diz mais otimista com a perspectiva de se chegar a um acordo com o Brasil, hoje, do que estava há um mês e basicamente confiante no rumo do ajuste econômico do País.

"A distância entre os bancos e o Brasil não é tão grande", avalia Davies. Ele recusa-se a comentar detalhes da negociação, mas outro banqueiro britânico disse que, se o

(Continua na página 34)

O Banco de Crédito Comercial da França (BCC), ligado ao Crédit Commercial de France, e a Tenenge, subsidiária da construtora Norberto Odebrecht, lançaram na sexta-feira, no mercado londrino, duas emissões de eurobônus. A operação do BCC envolve US\$ 50 milhões, e a da Tenenge, US\$ 10 milhões.

(Ver páginas 31 e 33)

Brasil "na fase..."

por Celso Pinto
de Londres

(Continuação da 1ª página)

Brasil aceitar elevar de seis para doze meses a garantia oferecida para os juros dos bônus que serão trocados pela dívida velha e concordar com uma taxa de desconto de 35 e não de 37,5%, estarão superados os principais problemas na negociação. O Brasil, até agora, não falou em doze meses, mas não é improvável que chegue lá.

De todo modo, mesmo que seja possível acertar as questões básicas em dois ou três meses, como prevê Davies, poderá levar alguns outros meses até concluir os detalhes. Davies aposta que a conclusão do acordo geral poderá acontecer antes do final deste ano.

TERCEIRO MUNDO

Em 1991, pelo segundo ano consecutivo, a dívida do Terceiro Mundo gerou lucros para o Lloyds, enquanto seus negócios na Grã-Bretanha afetaram os resultados. O banco lucrou 62 milhões de libras (US\$ 109,8 milhões) com sua carteira de dívida a países: 40 milhões de libras (US\$ 70,9 milhões) ao liberar provisões para perdas que se tornaram excessivas e 22 milhões de libras (US\$ 38,9 milhões) negociando com as dívidas.

A firme valorização da dívida latino-americana no mercado secundário no ano passado teve um efeito muito benéfico para o Lloyds. Assim como o fato de, mais países, incluindo o Brasil, terem voltado a pagar juros, ainda que parciais (o total de juros pagos sobre o total devido subiu de 57 para 65% entre 1990 e 1991).

O banco fez enormes provisões para perdas com estes empréstimos nos últimos anos. Na medida em que a dívida começou a valorizar-se no mercado, as provisões foram excedendo o valor com que a dívida foi inscrita nos livros. Em 31 de dezembro de 1991, o Lloyds tinha um excedente de provisões em relação ao valor contabilizado para a dívida de 900 milhões de libras (US\$ 1,6 bilhão), valor substancialmente maior do que os 630 milhões de libras (US\$ 1,1 bilhão) do ano anterior.

Em outros termos, se o banco quisesse vender sua dívida no mercado secundário ou simplesmente ajustar suas provisões ao valor de mercado das dívidas, poderia engordar seu lucro em 900 milhões de libras, bem mais do que o lucro total antes do imposto obtido no ano passado, de 645 milhões de libras (US\$ 1,142 bilhão). As provisões para perdas com países do Terceiro Mundo subiram para 84% do total dos empréstimos de médio e longo prazo em 1991 e 75% do total geral (de 3,7 bilhões de libras — US\$ 6,556 bilhões). A dívida com o Brasil ficou relativamente estável em 888 milhões de libras (US\$ 1,573 bilhão) em 1991.

ESTRATÉGIA BEM-SUCEDIDA

Morse, contudo, considera que a estratégia cautelosa seguida pelo banco até agora foi bem-sucedida e deve continuar. Ao contrá-



Jeremy Morse

rio de outros bancos britânicos, como o Barclays e o National Westminster, que resolveram vender o máximo possível de suas dívidas a países, ainda que com grandes descontos, o Lloyds preferiu esperar melhores dias. Segundo Morse, ainda não está na hora de vender esses ativos.

Os resultados do Lloyds em 1991 foram positivos, consideradas as circunstâncias adversas da economia britânica. O lucro foi 9% superior, apesar de as provisões para perdas com devedores britânicos terem sido de 918 milhões de libras (US\$ 1,626 bilhão) em 1991, 18% superior à de 1990. Os dividendos foram de 16,7 pence, 9% superiores aos de 1990.

No início do ano passado, Morse previa um ano difícil, mas que iria melhorar a partir do segundo semestre, com a retomada da economia. Na sexta-feira, ele admitiu ter sido muito otimista, já que até hoje não há nenhum sinal de recuperação. Sua previsão para 1992 é de um ano difícil para os bancos. Mesmo que haja alguma recuperação mais para o final do ano, ela não ajudará muito o sistema financeiro.

O Lloyds tem conseguido passar por vários anos difíceis com uma performance melhor do que a de seus concorrentes britânicos, e o ano passado não foi exceção. Tem feito isso, contudo, em parte à custa de um programa de redução de custos que implicou a redução de 8.502 funcionários no ano passado, para um total de 67.874. Parte do corte foi provocada por ganhos gerados pela tecnologia, e a previsão é de que o enxugamento do número de funcionários continuará nos próximos anos.

MELHOR LIQUIDEZ

O banco encolheu: seus ativos caíram de 55,2 bilhões de libras (US\$ 97,81 bilhões) em 1990 para 51,3 bilhões de libras (US\$ 90,90 bilhões) no ano passado, principalmente pela venda de vários negócios pelo mundo. A direção do grupo assegura, contudo, que não tem planos nem interesse em reduzir seus negócios no Brasil, que incluem uma sociedade no Banco Multiplic.

Apesar de a recessão continuar, Brian Pittman, "chief-executive" do Lloyds, diz que a liquidez tanto das empresas quanto dos indivíduos melhorou nos últimos meses. "Falta confiança", avalia. A recuperação britânica hoje, concorda Morse, "é uma questão de esperança. Expectativa mais do que de evidência".

GAZETA MERCANTIL
24 FEV 1992

GAZETA MERCANTIL 24 FEV 1992